

HedDa

Emilze Junqueira

O espaço da cena é um retângulo marcado por uma luz recortada de cima para baixo e uma cadeira preta. A música do pianista Art Tatum toca com a caminhada de Hedda até o seu pequeno espaço delimitado no chão. Quando ela sobe na cadeira a música para subitamente.

O meu pé afunda na areia macia, úmida, procurando prazer em cada passo. O gelo da água toca a minha pele quente e um arrepio bom une as extremidades do meu corpo com o meu coração. Com os pés molhados, sou eu quem pulo, eu brinco, eu me jogo na areia, eu entro na água, a onda me engole. Afoguei. Eu corro, eu corro, eu corro até o esgotamento. Eu me sinto tão viva! A minha respiração ofegante luta para não me deixar morrer. É tão maravilhoso!

Imaginemos esta arma como a lâmpada mágica de um gênio que poderia ser... eu. Qual seria o seu desejo, caso o gênio lhe concedesse o direito de escolha? Eu desejo o que naturalmente deseja toda mulher, tantos maridos quanto quiser!

Mas isso é tão imoral! Imoral para quem? Modere a linguagem mulher, você vai ficar falada, ponha-se no seu lugar. Você será demonizada, você será xingada, você será apedrejada. E o que mais, afinal? Uma vítima banalizada. Imaginem o que eu faria com todos esses homens, meus dias seriam mais que divertidos!

Lovborg, querido, convidei alguns amigos para virem jantar conosco essa noite. Teremos *champagne* à vontade, estamos celebrando o sucesso do seu livro que deve a mim a coautoria, não é verdade? Lovborg certamente adoraria ouvir-me dizer assim, sem cerimônia, sou a sócia de suas

fantasias. Eu lembro bem a forma como ele me olhava contando as suas aventuras eróticas. Tesman, meu marido, coitado, tão sobrecarregado com o trabalho, o doutorado e a sua invejável erudição, cumpre o nosso acordo de casamento ocupando-se do meu conforto material e das contas. Eu sempre fui péssima nesse assunto. Quem sabe a nossa equação matrimonial não precise de elementos menos rígidos e mais humanos? Brack, você está encarregado de ensinar ao meu marido a falar putaria na cama, vou atar seus punhos firmemente para que você faça somente o que eu mandar. Não darei amor, meu amor eu não posso dar. Sou para vocês o legítimo modelo do que vocês mesmo são.

Você já sentiu o gosto desse paradigma? Já tentou ser outro para escapar? Já foi submetido alguma vez? Tentou fugir, largar tudo, sem conseguir?

Seus olhos arregalados penetram no meu ventre de carvão que pede liberdade. Então eu olho para cima e vejo um céu azul, cheio de nuvem carregadas de algodão e me reinvento. Pulo o mais alto que posso para ir ao encontro do seu abraço. Quantas mãos escreveram essas páginas? Eu juro que tentei rasgar seus beijos com delicadeza, mas eu só consegui morder a sua língua amarga e sentir o gosto que escorria pelas minhas pernas. Eu tentei, Tesman, honrar o nosso acordo de casamento, pois eu sempre quis ser a expressão da sofisticação decadente. Não é necessário dizer-me, eu sei. Reconheço a minha impostura nesse projeto infeliz, que só poderia dar um fruto podre. Agora eu não te enxergo mais, meus olhos estão nublados, eu não vou chorar. Você sempre ria quando eu começava a chorar, aliás você ria de tudo, até do que eu fazia com as mãos, de joelhos. Tudo o que eu consegui foi abrir um buraco nas minhas costas com aquela palavra interdita depois do jantar. As feridas estão abertas, eu aprendi a gostar de lilás. Eu nunca quis uma vida simples, mas eu

sempre pensei em um final feliz para a minha história. Quando papai se foi, eu imaginava uma árvore gigantesca me abraçando com seus galhos e suas raízes terrosas e eu voltava a enxergar. Se eu sinto a sua falta? Não sei dizer. Mas sinto. Eu estou pronta.

Hedda atira contra o próprio peito e morre.

Música sobe gradativamente, Hedda zomba do tiro no peito e termina dançando.